

ANÁLISE DAS APRESENTAÇÕES DA PERFORMANCE ATRAVÉS DO PÚBLICO



IV SICCAL

[GT 5 - CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA]

Jonath Boeta Abdalla

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ).

Pablo Vinícius Barreto de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

Angela Maria da Costa e Silva Coutinho

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este trabalho, pretende visar a relação da performance “Nada Poderá Tornarmos Menos Pretos Que Somos”, trecho referente à música “Paz, Coroas e Tronos” do cantor/rap negro e LGBT+ Rico Dalasam, cujo objetivo é mostrar através da arte poética, da música, da expressão corporal a luta e o combate contra o racismo, além de buscar valorizar a história e os saberes da população preta do Brasil, seus processos de resistência, suas dores, a falta de receptibilidade e todas as adversidades sofridas, através do tempo, ao acionar aspectos relevantes da cultura, raízes e a ancestralidade. Desse modo, a performance se constitui uma autoafirmação e um meio de reconhecimento do negro, aponta a falta de evolução de direitos desde a abolição e a busca incessante por autovalorização.

Palavras-chave: Negro. Performance. Cultura.

This paper aims to analyze on the performance “Nada Poderá Tornarmos Menos Pretos Que Somos”, a passage referring to the song “Paz, Coroas e Tronos” by the black singer / rap and LGBT+ Rico Dalasam, whose aim is to show through poetic art, music, corporal expression and struggle against racism, as well as seeking to value the history and knowledges of Brazil’s black population, its processes of resistance, its pains, the lack of receptivity and all the adversities suffered through time , by triggering relevant aspects of culture, roots and ancestry. In this way, the performance constitutes a self-affirmation and a means of recognition of the black, points to the lack of evolution of rights since the abolition and the incessant search for self-valorization.

Keywords: Black. Performance. Culture.

La presente investigación pretende divisar la relación del performance “Nada Poderá Tornarmos Menos Pretos Que Somos”, trecho referente a la música “Paz, Coronas y Tronos” del cantante / rap negro y LGBT+ Rico Dalasam, cuyo objetivo es mostrar a través del arte poético, la música, la expresión corporal la lucha y el combate contra el racismo, además de buscar valorar la historia y los saberes de la población negra de Brasil, sus procesos de resistencia, sus dolores, la falta de receptibilidad y todas las adversidades sufridas, a través del tiempo , al accionar aspectos relevantes de la cultura, raíces y ancestrales. De ese modo, el performance se constituye una autoafirmación y un medio de reconocimiento del negro, apunta la falta de evolución de derechos desde la abolición y la búsqueda incesante por autovalorización.

Palabras clave: Negro. Performance. Cultura.

O Ativismo negro, apesar de ser ambivalente, a “cultura negra” pode se construir também em instrumento de resgate da autoestima e da reconstrução positiva de uma identidade racial desvalorizada pela ideologia do branqueamento. (HASENBALG, Carlos, 19)

Introdução

A compreensão de negritude se deu com o intermédio de discussões no Coletivo Negro Afronta que, posteriormente, criará uma performance política e social sobre o autorreconhecimento do negro e sua identidade tanto como diáspora quanto por sua questão cultural. A performance intitulada “**De onde vim, para onde fui, como estou?**” trouxe a reflexão e a crítica de como os pretos deste país são tratados desde o processo colonial até os dias contemporâneos, onde a cultura do racismo e da discriminação ainda permeia a sociedade brasileira. Após dois anos de apresentações com o espetáculo citado acima e com grande repercussão, nós, do coletivo e artistas, tivemos uma grande ascensão que fez com que participássemos de grandes eventos políticos relacionados a negritude, desde sindicatos de psicologia a escolas públicas, teatro\arena, videoclipe, campanhas políticas, eventos e mesas redondas de cunho acadêmico e centros culturais. A construção coletiva deste projeto e seu total êxito para com o público contribuíram para a concepção da nossa própria história e identidade como militantes negros e nosso amadurecimento enquanto jovens pretos.

Nada poderá tornarmos menos pretos que somos foi desenvolvida a partir da percepção individual dos idealizadores Pablo Barreto e Tata Boeta com a bagagem histórica e performática do último projeto desenvolvido com o ConAfro (Coletivo de Estudantes negros Afronta IFRJ/Campus Nilópolis), a fim de abordar questões políticas, sociais, espiritualidade e ancestralidade, questionando o processo de marginalização do negro em nossa sociedade, a segregação racial e territorial, (como o próprio extermínio social provocado pelos governos) apropriação cultural e lugar de fala.

Em dezembro e dois mil e dezessete, no Degase, fomos convidados a fazer duas apresentações no próprio local para um público de internos, na sua maioria de meninos negros. Diante das atuações, a percepção daquela plateia foi de estranheza, curiosidade, até mesmo risível, mesmo a performance mostrando a realidade de seus ancestrais e a real conjuntura dos negros. Supomos que os movimentos cênicos, como novidade, despertou neles esse tipo de reação emocional. Os meninos perguntaram, curiosos, a respeito dos processos da interpretação cênica e nós os contemplamos, respondendo com base em nossos conhecimentos de música, poesia e performance. Na escola Municipal Ernesto Che Guevara em Mesquita, no Rio de Janeiro, os estudantes da EJA tiveram uma maior resistência para a compreensão do que tratava o trabalho, provavelmente, por não estarem acostumados com esse modelo artístico, nem com a cultura afro-brasileira.

Tentamos trazer em nossas discussões e principalmente pelo lugar de fala que nos compete como militantes negros, o debate sobre a dívida histórica que a

colonização trouxe para os povos pretos em diáspora e todas as suas consequências para aqueles que vivem debaixo de uma cultura que cultiva o heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/europeu, com suas várias hierarquias globais enredadas e coexistentes no espaço e tempo (GROSFOGUEL, 2010, p. 463). Compreendendo, por exemplo, que a nossa afrovivência nos dá liberdade de julgar ou ao menos questionar, enquanto negros, numa sociedade racista e à deriva de políticas anti-discriminatórias, a situação geral que compete a todos os irmãos pretos, independentemente de suas situação social, gênero ou credo, mas uma hierarquia étnico-racial global que beneficia os povos europeus relativamente aos não europeus; um sistema de hierarquização epistêmico que favorece unicamente as elaborações e criações de conhecimento do ocidente e refuta quaisquer tipos de conhecimentos não-ocidentais, ou seja, uma categorização linguística entre as línguas europeias e não-europeias que sustenta a comunicação e a fabricação de conhecimento e de conceitos eurocêntricos, e que subjuga as não-eurocêntricas exclusivamente como produtoras de cultura, mas não de conhecimento ou conceitos úteis.

Essa dificuldade nos apresentou que a falta de implementação da lei 11.645/2008 fez com que esse público não entendesse partes da performance e tivesse atitudes ignorantes e por não se enxergar, com a falta de trabalho não só na escola, mas também dentro de uma mídia que não transmite a verdadeira realidade que vivemos ou em quantidade de atores sociais/artísticos que representam a verdadeira porcentagem que pelo IBGE/2010 que somos 54% da população é negra.

A identidade negra no Brasil de hoje se tornou essa realidade na qual se fala tanto, mas sem definir no fundo o que ela é ou em que ela consiste. A identidade objetiva apresentada através das características culturais, linguísticas e outras descritas pelos estudiosos muitas vezes é confundida com a identidade subjetiva, que é a maneira como próprio grupo se define ou definido pelos grupos vizinhos. (Kabengele, 2009.)

Percebe-se que nós somos pouco representados em livros didáticos e também na mídia, e quando se refere à população negra, somos representados de forma pejorativa e com estereótipo marcado e se a lei for implementada e a mídia nos representar de forma positiva e qualitativa, fará com que a população negra se identifique de forma positiva; claro que nos permite ver um ensaio de mudança no papel do negro na sua representação nas escolas e na mídia, mas ainda não é o bastante para que nós negros tenhamos uma visão positiva sobre nossa raça e se reconheçam de forma positiva, é algo que vai ser construído através de atividades culturais dentro da escola não somente nas datas destinadas como da consciência negra e da abolição da escravidão para abordar o assunto. A identidade de um negro ainda é algo que está sendo construído através de representações, como Lazaro Ramos, Taís Araújo, Iza entre outros artistas e personalidades intelectuais e sociais que essa representatividade ajuda os jovens a construir a sua própria identidade dando valor à cor da sua pele, seu cabelo, seu fenótipo, e aos adultos se valorizem e podem como negros possam construir uma nova realidade para a nova geração de negros que está por vir.

Culturas populares – culturas negras

Cultura popular pode ser definida como qualquer manifestação em que o povo produz e participa de forma ativa, como identidade nacional, é uma construção que junta elementos culturais diversificados de diferentes grupos étnicos.

A sua formação se dá num processo de troca entre os grupos envolvidos e, de maneira inconsciente, essas trocas formam a identidade brasileira. Valores, crenças, costumes, hábitos e práticas são transmitidos às novas pessoas que recebem a cultura de uma determinada sociedade.

A identidade de um povo está presente no imaginário dos indivíduos, e é transmitida culturalmente através da música, arte, literatura, arquitetura, na mídia, na tradição oral, no folclore etc.

Para Ortiz

A cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação. (1994, p. 142)

O conceito de identidade cultural segundo Stuart Hall está atrelado ao processo de globalização e de dominação territorial por parte das grandes potências. A valorização do capitalismo e a imposição dos valores culturais estrangeiros se tornam cada vez mais comuns, recriando, moldando a cultura existente de um povo e acrescentando novos elementos que vão se tornando parte

daquela sociedade. “Hal Foster escreve – Wallace o cita em seu ensaio

O primitivo é algum problema moderno, uma crise na identidade cultural”, por isso a construção modernista do primitivismo, o reconhecimento e o desconhecimento fetichistas da diferença primitiva. (Citado por Wallace, 2003).

Compreendendo que a cultura popular é uma manifestação cultural de um povo, sua identidade, é possível, por exemplo, perceber como algumas culturas são apropriadas para fins comerciais, no caso, a própria cultura popular negra, que é um grande recurso para a indústria de massa cultural. Cada vez mais se apropriam da cultura da diáspora, porém, existe um apagamento do ponto ser negro. Tradições, folclore, hábitos e costumes cada vez mais são propagados pela indústria, mas a imagem do negro não é a do branco. Pode se perceber, por exemplo, através de ideias expressas no texto, Que “negro” é esse na cultura negra” [Hall, 2003] que o indivíduo negro tem que se moldar à realidade onde ele está inserido, ou seja, se uma pessoa periférica está em um ambiente diferente da sua realidade, o mesmo deve se adequar à realidade na qual está inserido, impossibilitado de se portar ou viver a sua própria cultura, sua própria identidade por não ser bem recebida pelo público dominante. O termo cultura popular, também citado por Stuart, é, por muitas das vezes, um sinônimo para menosprezar a cultura negra, se referindo a mesma como baixa cultura ou cultura inferior, menosprezando a identidade de uma nação. O reconhecimento do valor identitário das populações negras – diáspora é o que se busca para o enaltecimento das culturas afro, além de combater o racismo, trazer a

autoestima desses povos e o aceitamento da própria identidade.

[...] é preciso abandonar desde cedo o ponto de partida que tem orientado a maioria dos estudos sobre o negro no Brasil – Nina Rodrigues (15) – que se inicia sob a insígnia de Sílvio Romero, que em 1933, assim conclamava os especialistas aos estudos da cultura negra: “[...] O negro não é só uma máquina econômica, ele é antes de tudo, e malgrado de sua ignorância, um objeto de ciência [...]”. E pedia aos especialistas que se apressassem, antes que morressem os africanos. (LUZ, 2011, p. 50)

Os negros e sua cultura popular são um dos maiores responsáveis na história do Brasil pela construção desta nação e da identidade nacional e negra brasileira. Foram os primeiros trabalhadores do país – mesmo que subjugados como prisioneiros ou como seres inferiores, em sua condição de escravo. Deve-se cultivar o conceito de nação brasileira, da identidade nacional, pois os negros escravizados regaram o território que constitui a nação com o sangue e o suor dos corpos ultrajados dos nossos ancestrais, que nos legaram uma herança imemorial. E essa herança é o patrimônio cultural do negro.

A arte como instrumento de luta e resistência

A própria Djamila Ribeiro define lugar de fala como uma discussão de poder. A filósofa brasileira diz:

Lugar de fala pode ser interpretado como uma forma de contranarrativa; é o mecanismo por meio do qual as minorias sociais e grupos que enfrentam desvantagens têm para conquistar espaço nos debates públicos. O lugar de fala reivindica diferentes pontos de análises e afirmações e refuta a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes. O conceito serve para nos auxiliar a compreender como nossas falas marcam nossas relações de poder e eventualmente reproduzem preconceitos e estereótipos. Quando promovemos uma multiplicidade de vozes o que se quer é quebrar o discurso autorizado e único, que se pretende constantemente universalizar. Lugar de fala não é só o poder falar, não se trata apenas de um amontoado de palavras, mas de uma hierarquia violenta que decide quem pode e quem não pode falar. Essa hierarquia, por sua vez, é construída fruto da classificação racial da população. O lugar de fala surge para refutar a epistemologia dominante, estruturada essencialmente sob um olhar branco, masculino e europeu.

Por esse ângulo, ao reivindicarmos lugares de fala, estamos construindo novas epistemologias, discutindo lugares sociais e quebrando com uma visão única, logo, estamos na busca por uma coexistência. Uma busca por diversidade. Tendo em vista que falar significa existir absolutamente para o outro (FANON, 2008), reivindicar lugares de fala é ampliar o conceito do que é ser humano, é edificar um ambiente público que seja de fato público. Onde todos possam se expressar com suas vozes vivendo e coexistindo de maneira harmoniosa.

Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta. Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível “voz de ninguém”, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade (RIBEIRO, 2017, p. 90)

Performance – a construção da arte através da memória e afrovivência

A performance foi sendo construída e montada mostrando a realidade do negro brasileiro de seus antepassados até os dias atuais; a performance não é linear como na história que nos é contada nas escolas e a performance entrelaça entre o presente com passado.

As artes cênicas que é a linguagem mais forte da performance, segundo Fernando peixoto nos diz que o teatro tem uma função social e tem sido constantemente redefinida. Desde muitos séculos antes de nossa era até hoje, nunca deixou de existir; há algum impulso no homem, desde seus primórdios, que necessita deste instrumento de diversão e conhecimento, prazer e denúncia.

Com isso a performance através de uma forma lúdica, levando conhecimento

e denunciando as dores e mazelas do que o negro no Brasil sofreu e sofre até os dias atuais nos conta de forma de artística.

O ato de performar é o cruzamento de linguagens artísticas com a cena teatral contemporânea e suas relações de memória afetiva. Essa memória que foi construída através de afrovivências e de negação de sua própria história que o diretor sofreu até o seu entendimento como negro. Para com ele pudesse montar e modelar a performance como está nos dias atuais.

Podemos pensar que o ato de criar do ator é transformar o que lhe é dirigido e através da sua afrovivência coloca-la no palco ressignificando o texto da performance em voga. O ator cresce com entrelace das cenas onde ele se demonstra mais intrínseco com o texto que para o público se torna uma verdade.

Para entender melhor, vamos analisar algumas partes da performance. Como na cena da declamação da música Carne – cantada por Elza Soares com os compositores Seu Jorge, Marcelo Yuca E Wilson Capellette. Na canção que é declamada na cena, a principal inspiração foram os versos seguintes:

[...] Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai para o subemprego
E pros hospitais psiquiátricos[...]

No manicômio os internos andam em círculos, se na tradição africana o círculo representa o saber circula ancestral e que ninguém caminha sozinho, o saber sempre volta de forma oral contada pelos mais velhos para os mais novos; no manicômio

é o contrário, demonstra a solidão que está dentro das ideias fixas na mente do interno.

Nessa cena se junta essas duas realidades, onde demonstra a dor do passado colonial do negro como escravo e também a circularidade do saber dessas dores sendo passado dos mais velhos para os mais novos, com o ato da oralidade.

Na concepção das cenas relativas Apipema - Relato de um escravo de autoria deste diretor da performance destacam-se os versos a seguir:

[...] Sou mulato, caboclo, pardo e negro,
Para você sou um simples escravo.
Me chamam de tantos nomes,
Que luto para não perder minha
 [identidade].
Minha nação? Está espalhada por aí,
Mantenho minha fé que irei encontrá-los
Minha família, nem sei se está viva,
Mas tou na raça para sobreviver.

Minha história fazem questão de ignorar,
Se eu falo em dialeto, motivo de agressão
 [gratuita],
Consideram que é do diabo, feitiçaria,
Minha crença anulada, me fazem crer
 [em seu Deus],
Sou uma simples mão de obra,
Sou um simples capacho do senhor. [...]

As cenas intrínsecas as significações dos referidos versos proporcionam a elaboração de gestos performáticos e contribuíram para continuidade da encenação e dos impactos de sua comunicabilidade.

Portanto o ator se empenhou para traduzir teatralmente o diálogo então crueza do passado ancestral do negro, e o

presente com todo ímpeto da resistência necessária para superar o silenciamento de um passado opressor, de uma história interrompida e insistente e equivocada visão de subalternidade.

O principal rompimento é com o texto e uma melhor elaboração do corpo como instrumento de comunicação. Para Artaud: "A poesia escrita vale uma vez mais ser destruída"; ou seja a performance moderna não está detida a um diálogo ou a um texto, tampouco exige a necessidade de palavras ou letras para ter seu conteúdo performático apresentado. Na verdade, a performance se dá como um jogo da performatividade, experimentando novas nuances e estéticas e criando mensagens e misancenens únicas e irrepetíveis, sendo cada espetáculo único, vívido e original.

A percepção do público perante a performance

A importância dessa performance nas artes cênicas quebrar paradigmas de contar somente o que o vencedor nos fala e através dela podemos contar outras histórias dos negros através do corpo negro ampliando e rompendo fronteiras calcadas pelo colonialismo do saber, que separa a arte e cultura popular, com a quebra de paradigma que abre a possibilidade de pensar em várias dramaturgias com corpo negro e se utilizar de rituais afro-brasileiros para contar uma história através do corpo, música e poemas a relação do corpo e ancestralidade.

O público da Escola Municipal Ernesto Che Guevara teve uma reação um pouco adversa (diversa) dentre todas as apresentações da performance **“Nada Poderá Tornarmos Menos Pretos Que Somos”**, pois além da falta de empatia e de reconhecimento do caráter de crítica social da obra apresentada, houve desinteresse do público que criticou veementemente toda a apresentação da noite que tinha o objetivo de discutir as ações afirmativas da lei 10.639/03 e o próprio racismo estrutural que vivemos na sociedade brasileira. “A maioria dos alunos do EJA se sentiram totalmente incomodados com o evento. Proferiram comentários tais como: “não existe racismo” ou “os maiores racistas são os negros”. Esses jovens-adultos fazem parte de uma sociedade cristã e conservadora, criticavam tudo que não fizesse parte da suposta filosofia meritocrática, segundo a fala da diretora da escola. Os mais jovens se retiraram do auditório minutos antes de começar a conversa sobre sociedade e racismo e faziam piadas indesejadas durante a demonstração teatral, rechaçando qualquer aproximação dos agentes culturais presentes naquele recinto.

Diferente foi a recepção e a repercussão da performance para os internos do DEGASE. Supõe-se que a realidade desse público estava sendo nitidamente demonstrada através dos poemas do espetáculo e da encenação propriamente dita. Entendemos que, por estar no patamar de marginalização e subjugados socialmente, os jovens ali presentes viram suas vidas passarem diante de seus olhos, toda a força da discriminação presente em suas vidas e, principalmente, em seus corpos, através da pele negra que carregavam. Mas, mesmo com toda identificação social sobre o racismo e discriminação

e a compreensão sobre as estruturas raciais que permeiam nossa sociedade, os mesmos se distanciaram quando os elementos da cultura africana apareceram durante as cenas, sejam os batuques ou as danças. Eles os associavam ao mal, à demonização, à “macumba”, fator que os fizeram ficar instáveis e eufóricos. Em nossa conversa após a apresentação, revelaram seus anseios sobre os batuques ecoados e sua assimilação aos cultos religiosos afro-brasileiros o candomblé e a umbanda. A partir disso, pudemos depreender que em exatos momentos eles sabem sobre a existência do racismo estrutural presente em nosso país, porém se afastam das culturas ou da ancestralidade vindas de seus antepassados de África.

Esses meninos vivem marginalizados desde muito cedo. Sua história e suas identidades são roubadas por nomes de facção ou por codinomes ligados ao tráfico dentro ou fora do presídio. Eles conhecem toda a realidade do pobre negro, mas não haviam se identificado com o NEGRO. Afinal, ainda em suas mentes, o ser negro é algo ruim e sempre buscavam desassociar suas imagens da cor negra, buscando no colorismo fatores que corroborassem suas “identidades raciais”. A nossa conversa durou um pouco mais que quarenta minutos. Foi perceptível nos olhos de alguns a saudade do mundo fora da prisão. E alguma satisfação por estarem desfrutando de um momento de lazer fora da rotina comum do presídio. Mas, quando chegou a hora de finalizar a atividade, todos se robotizaram novamente, com as mãos para trás, enquanto os guardas os levavam em fileiras como se fossem gados indo ao abatedouro. É difícil entender que aqueles meninos que durante a performance se sentiam cheios de vida e “tão inocentes” haviam cometido todo tipo

de crimes dos mais simples ao mais bárbaros, estando completamente à margem de uma sociedade que os criminaliza desde sua infância e de um estado omissivo que nunca lhes deu qualquer tipo de acesso. A música IDENTIDADE de Jorge Aragão reflete o sentimento deles exposto durante a roda de conversa, afinal, a maioria sabe que “o elevador social tem dono e tem que ir no de serviço”.

Conclusão

O Brasil, durante vários anos e ainda hoje foi e é considerado um paraíso para a diversidade racial, devido às questões fenotípicas e socioeconômicas, contudo as diversas práticas hostis, cheios de discriminações e racistas em relação para com a população, principalmente com os negros, pardos e indígenas e seus descendentes. O racismo está presente na vida da população negra e suas práxis são constantes; conquanto, encontraram maneiras para alçar-se quaisquer dificuldades decorrentes desta situação. O perfil histórico que determinam raça, classe, etnia está atrelada às políticas de poder e a sua hegemonia eurocêntrica e ao contexto cultural ao qual estamos sujeitos.

A performance é uma forma de ampliar a discussão através da manifestação cultural, mostrando o passado e o presente do negro que se instaurou no Brasil através do rapto dos negros em África e aqui trazidos como papel de escravos. A performance é lúdica nesse sentido de transformar as dores e as alegrias do negro de forma mais

dócil para o olhar do público, sem tirar a verdadeira história de discriminação racial que acontece até os dias atuais. Por isto, esperamos que o presente trabalho possa expandir o debate sobre o papel da arte na vida dos negros e periféricos brasileiros e na cultura brasileira. ■

[JONATH BOETA ABDALLA]

Discente do Curso de Bacharelado em Produção Cultural, membro fundador do Coletivo ConAfro (Coletivo Negro Afronta IFRJ/Nilópolis), Campus Nilópolis/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
E-mail: tataboeta.produtorcultural@gmail.com

[PABLO VINÍCIUS BARRETO DE OLIVEIRA]

Discente do Curso de Bacharelado em Produção Cultural, membro fundador do Coletivo ConAfro (Coletivo Negro Afronta IFRJ/Nilópolis) e ingressante do Grupo PET/Conexões de Saberes em Produção Cultural, Campus Nilópolis/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
E-mail: pablo16set@gmail.com

[ANGELA MARIA DA COSTA E SILVA COUTINHO]

Possui mestrado em letras - Literatura Brasileira - UFF, Doutorado em Letras - Literatura Comparada - UFF e Pós- Doutorado em educação - UFMG. Docente no Campus Nilópolis e São Gonçalo/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
E-mail: angela.coutinho@ifrj.edu.br

Referências

DOS SANTOS, Silvia Karla B. M. M.. **O que é ser negro no Brasil?** – uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 2, n. 1, 2012.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 1º Edição – EDUFBA: 2008.

FERREIRA, Maria Zita. **Dança negro, ginga história**. 2º edição – Maza Edições, 2008; Belo Horizonte.

HALL, Stuart. **A identidade em questão: livro**: a identidade cultural da pós modernidade. 10ª edição; DP&A editora. p. 07-27.

HALL, Stuart. “**Que “negro” é esse na cultura popular negra?**” In: da diáspora: identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 170-177.

LEAL, Maria Lucia. Pedagogia da Performance: Uma Experiência. In: TELLES Narciso (ORG.). **Pedagogia do teatro** – práticas contemporâneas na sala de aula. São Paulo Papyrus Editora, 2013. p. 197-217.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra e ideologia do recalque**. 3ª edição. UFBA ; Pallas Editora e distribuidora, 2011 ; Salvador.

MANDARINO, Ana Cristina, GOMBERG, Estélio. **Água e ancestralidade jeje-nagô**: possibilidades de existências. Textos de história, vol. 17, nº 1, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 2º edição. Editora Ática, 1988.

ORTIZ, Renato. In: **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 10º edição. São Paulo: Nova Cultura, Editora Brasiliense, 1988. p. 7-9.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. 1º edição, Editora letramento, Coleção: Feminismo Plurais, 2017.

SARRAZAC, Jean-Pierre, **Poética do Drama Moderno de Ibsen a Koltés**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo da raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870- 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.